

## UM SUBSÍDIO TEÓRICO PARA O PROFESSOR ALFABETIZADOR

Ivone Dias Gomes  
Beatriz Leonel Scavazza

### Apresentação

Em 1984, alguns professores da PUC-SP, através de convênio PUC-MEC/SESU e secretarias da Educação de Roraima e São Paulo, iniciaram um projeto denominado: 'Fonoaudiologia Educacional – Um Programa de Capacitação do Professor para o Trabalho com a Linguagem'. Coordenava o projeto de Roraima a fonoaudióloga Beatriz L. Scavazza. O projeto constou de quatro etapas de 40 horas cada uma, abrangeu os professores de 1ª e 2ª séries da rede territorial de ensino de Roraima e consistiu em uma reflexão com o professor sobre alguns temas relacionados à linguagem oral e escrita, em geral, e à alfabetização, em particular. Não é nosso objetivo relatar e avaliar o projeto. Esta breve referência visa apenas situar o surgimento do texto que será apresentado a seguir, que foi elaborado em função de uma de nossas principais dificuldades no trabalho com os professores: encontrar textos acessíveis a eles e que dessem conta dos conteúdos que pretendíamos desenvolver.

Ao tomarmos contato com a população com a qual trabalharíamos, demos-nos conta de que havia uma heterogeneidade na formação dos professores bastante polarizada. Encontrávamos desde professores semi-analfabetos até aqueles com graduação em Pedagogia. Poucos tinham gosto e hábito de leitura.

Além de diferenças desta natureza, havia outras decorrentes da própria origem do grupo: do Oiapoque ao Chuí, encontramos professores provenientes de todos os cantos do Brasil. Esta é uma característica de toda a população do Território. Com isto, víamos em certa medida reproduzido o contexto de sala de aula do próprio professor. Partimos destas semelhanças para estabelecermos relações entre o que vivíamos e aprendíamos juntos e o que eles poderiam viver e aprender junto com seus alunos.

Assim sendo, na programação da quarta etapa elaboramos o texto: *Algumas reflexões sobre a língua escrita*, que foi utilizado nesta etapa. Seu conteúdo é uma síntese das idéias principais de Emília Ferreira, apresentadas numa linguagem coloquial e simples. Nós o fornecemos como material de leitura, após termos nas etapas anteriores praticado e discutido as idéias contidas no texto. Ele foi um bom instrumento em nosso trabalho e por considerarmos a possibilidade de que possa vir a ser útil a outros profissionais que trabalham nesta área, decidimos publicá-lo.

### Algumas reflexões sobre a língua escrita

Professora,

Mais uma vez vamos lhe pedir que pare para pensar em algumas questões que talvez ainda não lhe tenham ocorrido.

Você sabe perfeitamente que a língua escrita é uma forma de representação do mundo, da mesma forma que a língua oral, não é? Você também sabe que a língua escrita tem características bem diferentes da língua oral. Isso quer dizer que uma não é equivalente a outra. Por exemplo: a fala é silábica e a escrita é alfabética – podemos utilizar 1, 2, 3, 4 ou até 5 letras para cada sílaba. Exemplos? Aqui vão:

(2)	(5)	(3)	(2)	(3)
in	trans	por	tá	vel
(4)	(2)			
pris	ma			
(1)	(2)	(3)		
ô	ni	bus		

Você também sabe que estas letras são arbitrárias, não é? Você não brincava de 'código secreto' e mudava a correspondência som-letra? As crianças mais velhas brincam disto. Mas será que é somente esta a diferença entre estas duas modalidades (oral e escrita) de língua? Não, é claro. E isto eu sei que você sabe.

Falamos tudo emendado, mas quando escrevemos separamos os segmentos (palavras), deixando um espaço entre eles. E a grande variedade de entonações? Temos que registrar todas elas com alguns poucos sinais de pontuação, não é mesmo? Usamos o travessão para indicar o diálogo. Usamos o parágrafo para mudar de assunto. Usamos diferentes formas de registro quando escrevemos cartas, poesias, notícias, bilhetes, histórias, trabalhos científicos etc...

Quantas coisas mais podemos lembrar com relação a este sistema de representação... Quer ver? As convenções de paginação (onde se põe o número das páginas?), de divisão e representação de capítulos dos livros, a maneira como aparecem os títulos, as várias formas de se ressaltar uma palavra ou frase... Ah! Olha só o que fomos esquecendo! A direção do nosso sistema de escrita. Escrevemos da esquerda para a direita e de cima para baixo! Tem mais coisas mas temos certeza que já deu para você compreender do que estamos falando (ou escrevendo).

Todo este sistema foi criado ao longo de muitos e muitos anos. A escrita tem uma história que começa nos desenhos do homem das cavernas e surgiu da necessidade de registrar as informações, experiências dos homens. Os povos da humanidade foram desenvolvendo suas escritas e tudo aquilo a que nos referimos quanto às características do nosso sistema de escrita (que é alfabético) pode ser totalmente diferente em outro sistema. Por exemplo, os chineses, japoneses, hebreus, árabes etc... têm uma escrita muito diversa da nossa.

Só mais uma coisa, aliás mais importante que estes aspectos convencionais da escrita dos quais falamos até agora. Será que ficou claro para você que a escrita é uma coisa totalmente diferente de um código? Veja bem. O nosso sistema de escrita pode ser expresso por diferentes códigos. Já ouviu falar no código morse? No alfabeto manual dos surdos? Quanto tempo você levaria para inventar um novo código para a nossa escrita? Isto é pos-

sível e até que não lhe tomaria muito tempo. Na guerra se faz isto. O inimigo só precisa descobrir a 'chave' do código. Por outro lado, estou certa de que não serão tão simples se você resolvesse reinventar o nosso sistema de escrita: não vale usar o sistema alfabético, nem as convenções tradicionais, nem a estrutura espacial. Já pensou? Seria realmente uma trabalhadeira e, por ser inútil, é melhor nem tentar.

Vamos então refletir sobre as questões que mencionei no início deste texto.

Será que seu aluno, a quem você está iniciando no processo de alfabetização, sabe destas coisas? Em outras palavras – saberá a criança que a escrita é uma forma de representar o mundo? Será que ela conhece a natureza arbitrária da escrita? Será que ela sabe que a escrita é alfabética e a fala é silábica? E o que é principal? Será que o seu aluno conhece a função deste objeto social que é a escrita? Ou seja, saberá ele afinal *para que* existe a escrita? Tudo isto nos parece óbvio. Mas será óbvio para quem teve pouco ou nenhum contato com material escrito? Não será este o caso do seu aluno?

Temos insistido muito com você de que é fundamental levar em conta no seu trabalho, como professora, a capacidade que a criança tem de pensar sobre as coisas da vida. Isso significa que no seu dia-a-dia a criança observa, compara, estabelece relações, ou seja, constrói conhecimentos sobre as coisas e o mundo que a cerca. Mas veja: 'sobre as coisas e o mundo que a cerca', ou seja, do mundo do qual ela faz parte e onde ela atua como elemento ativo e participante. Será que a escrita faz parte deste mundo?

Algumas pessoas que resolveram estudar o que a criança pensa sobre a escrita descobriram algumas coisas muito importantes que agora passamos a lhe contar.

Em primeiro lugar, a criança aprende a ler e a escrever muito mais facilmente se ela compreender *para que* serve a escrita. Ela precisa saber que a escrita é uma forma importante de relacionamento social. Que através dela podemos obter informações sobre outras pessoas, lugares, formas de vida; que podemos registrar e deixar registrado para sempre o que quisermos. Em outras palavras: podemos conhecer o mundo e a história dos homens através da leitura e também podemos registrar e fazer a nossa história através da escrita.

A criança precisa saber que a escrita, assim como o desenho, é uma forma que ela pode utilizar para deixar registradas suas experiências e suas interpretações do mundo. E que a leitura é uma forma de buscar essas interpretações, de retomar o que foi registrado no passado. Mas, antes de se introduzir a criança no processo de aprendizagem da leitura e escrita, é muito importante que você descubra o que a criança já conhece. Você já investigou com seus alunos quais as idéias que eles têm a respeito dos usos e funções da língua escrita? Estamos nos referindo aos usos e funções da escrita para seus alunos e que poderão ser bem diferentes do que a escola e, talvez você, pensem a respeito. Será que seus alunos sabem onde (se lê e se escreve), sobre o que (se lê e escreve), o que (se lê e se escreve), quem (lê e escreve)? Você já pensou que a escrita pode ter usos e funções diferentes para cada grupo social? Utilizar as concepções da criança sobre a escrita pode ser um bom ponto de partida, você não acha?

Em segundo lugar, a criança precisa perceber que a escrita não é uma simples transcrição da fala. Precisa saber que existe uma relação entre fala e escrita, mas que se trata de duas modalidades diferentes de uma mesma língua. Esta é uma relação muito complexa e ninguém nasce sabendo. Uma pesquisadora chamada Emília Ferreiro chegou a algumas conclusões a respeito do percurso da criança em direção à escrita. Tentaremos resumí-las para que você possa ter uma idéia do processo.

Segundo Emília Ferreiro, a primeira diferenciação que a criança faz é entre o que é desenho e o que é escrita. Ela descobriu que a criança 'escreve' antes de escrever. Quero dizer, ela faz alguns traçados bem diferentes do seu desenho e afirma que neles está escrita alguma coisa. Ela também é capaz de apontar num texto ilustrado, onde há 'escritos' e onde há figura. Mais ainda: a criança usa o desenho para objetivar a sua escrita. O desenho garante e estabiliza a sua 'escrita', isto é, mantém o significado do seu grafismo. Veja isto nestes exemplos:

(1)

(\*)

Marina:

3 anos e 9 meses

(A) - (adulto) O que você desenhou?

M - A Rapunzel

A - O que está escrito aqui (\*)

M - Rapunzel, né.

Sempre que este desenho lhe era mostrado e lhe era perguntado o que estava escrito, ela respondia: "Rapunzel".

(\*)

(2)

(\*\*)

O pato nada

- A - O que é isto (\*)  
M - Um pato  
A - Onde tem coisa escrita?  
M - Aqui, ó (apontava \* \*)  
A - O que está escrito?  
M - Pato  
A - Onde está escrito PATO?  
M - (apontava a frase inteira)

Neste exemplo, podemos perceber que esta criança relacionava o texto à ilustração mas ainda não percebia qualquer relação entre o que se fala e o que se escreve. Mas veja, professora, não nos pode passar despercebida uma grande descoberta da criança. Observe a grande diferença entre o desenho e a 'escrita' da criança. O desenho é uma representação figurativa daquilo que foi desenhado. É uma imagem que retém a forma do objeto ou pessoa representada. Já a escrita da criança não só se distancia do desenho como também totalmente do personagem representado (Rapunzel). O que significa isto? Sem dúvida, a criança adquiriu uma importante noção, ou seja, a escrita não tem nenhuma relação formal (de forma) com o objeto representado. E esta é uma grande conquista!

Permita-me, cara professora, chamar-lhe a atenção sobre a importância da utilização e exploração do desenho durante o período que antecede a alfabetização. Entre outras coisas, o desenho permite que a criança concretize a finalidade do registro. Peça a seus alunos que desenhem uma experiência vivida. Troque o desenho entre os alunos para que estes possam 'ler' aquilo que foi registrado da experiência vivida. Guarde este desenho por um mês. Devolva-os para seus alunos e peça-lhes que 'leiam' esta forma particular de registro e assim rememorem aquela experiência vivida no passado. Simples, não é? Mas assim você estará mostrando a seus alunos como é bom e necessário registrar, preparando-os para compreender a função da escrita, ou seja, a possibilidade de recuperar o passado através da escrita.

Prosseguindo, a criança vai formulando e testando hipóteses e aos poucos vai construindo seu conhecimento a respeito da língua escrita. Logo ela começa a utilizar 'letras' ou símbolos muito parecidos com as letras do alfabeto e a combiná-las, tentando escrever palavras. É muito interessante tentarmos deduzir o raciocínio da criança a partir do que nós chamamos de 'erros' que ela comete. Na verdade, se conseguirmos compreender estes 'erros', veremos certamente que eles expressam inteligentes raciocínios da criança sobre a língua escrita.

Chega o momento em que a criança acaba descobrindo que de alguma forma existe uma relação entre o que se fala e o que se escreve. Como a fala é silábica, a primeira hipótese que a criança formula neste sentido é a de que a cada uma das suas letras deve corresponder um pedaço da palavra falada. Esta é a chamada hipótese silábica. Exemplificando: Fernanda de 6 anos escreveu assim o seguinte ditado:

boneca	=
carro	=
passarinho	=
pé	=

Veja que a cada sílaba corresponde uma letra. Logo a criança descobrirá que, além da relação entre a quantidade de pedaços que se fala e o número de letras que se escreve, é necessário manter letras semelhantes para sons verbais semelhantes. E aí começam os problemas da criança: *"Por que o que gente grande escreve tem sempre mais letras do que quando eu escrevo? Se não chega uma letra para cada pedaço, por que também não adianta usar sempre duas letras? Nem assim fica sempre igual a escrita da gente grande!"* Neste momento, a criança começará a abandonar a hipótese silábica e formular a *hipótese alfabética*, mas tentará ainda manter a correspondência som-letra. Assim é que suas primeiras escritas espontâneas tenderão a ser transcrições fonéticas da fala. Por exemplo: causa (calça), iscerro (isqueiro), bolu (bolo).

Nesta fase, é quase certo que a criança não fragmente a escrita da forma convencional e sim da maneira como sua consciência de falante lhe permitir. Um exemplo: Paulo, 6 anos e meio – *"Erumaveis umapa du piratada perna di pau elevioa ilia du tezoraje"*. (Era uma vez um mapa do pirata da perna-de-pau ele viu a ilha do tesouro hoje).

Progressivamente a criança descobre que a escrita não é fonética e abandona esta hipótese para lançar-se em outras: a relação som *versus* letra depende do contexto da letra na palavra. É a descoberta e uso de certas regras ortográficas: antes de *p* e *b* se escreve *m*, o *s* entre duas vogais tem som de *z* etc... Por último, esta hipótese também cai por terra e a criança finalmente aprende que há mais exceções do que regras e que a escrita correta das palavras depende mais da sua memorização do que de seguir regras (hipótese ortográfica). Isto só não é válido para aqueles sons cuja correspondência com a letra é biunívoca: *p, b, t, d, n, m, nh, f, v, l* e *lh* (todas em posições inicial na sílaba, pois fora dessa posição algumas entram nos casos de convenções ortográficas).

Talvez neste momento você esteja surpresa com a riqueza de processos intelectuais envolvidos na aprendizagem da escrita. Mas é claro que eles só vão emergir se ao invés de considerarmos o aluno como sendo alguém 'vazio', que não sabe nada a respeito da escrita, passemos a levar em conta a sua experiência de vida e a sua capacidade de pensar sobre as coisas com as quais tem contato.

Vamos juntas refletir um pouco mais sobre o que se tem feito no processo de alfabetização. O que é valorizado? Vamos fazer uma lista e queremos que você nos ajude caso tenhamos esquecido algum item importante:

1. Falar bem
2. Coordenação motora
3. Coordenação viso-motora
4. Percepção visual (discriminação, memória, análise, síntese)
5. Percepção auditiva (discriminação e memória)
6. Orientação temporal e espacial

Se não são só estes, pelo menos são os mais 'treinados'. Se pensarmos bem veremos que estas são habilidades necessárias ao aprendizado de um código arbitrário e convencional que deve ser memorizado, e não importantes para a construção de um sistema de representação. O que a escola oferece para a criança que está sendo alfabetizada? Letras soltas no ar, sílabas sem sentido para decorar (pura memória), desenhar e combinar formando as palavras 'permitidas'. Professora, você já se pôs no lugar da criança e procurou analisar o quanto podem ser desinteressantes as palavras ou assuntos das cartilhas? "*Vovô viu a uva*", "*A bacia é da babá*", "*O pato é do papai*". Compreendemos como é difícil transformar estas frases, que você mesma deve achar sem graça, em algo que possa interessar seu aprendiz.

Por que será que o adulto é tão permissivo com a criança que está aprendendo a falar (aprendendo uma forma de interagir com o mundo, de representar o mundo) e quando se trata da criança que está aprendendo a escrever ele impõe um caminho tão rígido? Já pensou se obrigássemos a criança pequena a só falar as sílabas que ela pode articular corretamente? Que só formasse palavras com estas sílabas? Que só emitisse frases que pudesse articular e elaborar sem nenhum erro? Perguntas absurdas quando pensamos na fala, mas perfeitamente cabíveis quando pensamos no processo de aquisição da escrita. Pois não é assim?

Será que o adulto imagina que a escrita é apenas uma forma de transcrever a fala? Você já refletiu que indivíduos alfabetizados mesmo ao falarem têm o seu pensamento voltado para a escrita, ou seja, que aqueles que já conhecem o sistema da escrita desenvolvem uma série de aspectos do pensamento diferentemente daqueles que não conhecem esse sistema. Por exemplo, será que a criança percebeu que na fala o interlocutor está presente permitindo a retomada do discurso se for necessário e, que na escrita isto não ocorre, pois o interlocutor está ausente, o que implica na necessidade de maior contextualização do discurso? Esta característica da criança aparece frequentemente nas suas primeiras produções escritas. A impressão que temos é a de que ficou faltando um pedaço, não é? O que não nos ocorre é que a criança que está sendo alfabetizada ainda não pensa sobre a escrita, e sim sobre o oral. E, como são duas modalidades diferentes de uma mesma língua, há um caminho a ser percorrido, que é muito diverso de simplesmente traduzirmos *sons* em *letras*. Bem, cara professora, creio que já nos estendemos muito. Queremos finalizar este nosso 'encontro' com algumas sugestões. Pense nelas e veja se são possíveis de ser colocadas em prática, caso lhe pareçam boas.

- Procure saber qual o sentido da escrita para o seu aluno; converse com ele sobre o assunto antes de iniciar o treinamento das 'habilidades' envolvidas no aspecto motor e perceptual da escrita.
- Permita que seu aluno explore material escrito; revistas, livros, cartilhas, jornais etc... Vá lhe chamando a atenção para algumas características da escrita.
- Leia para eles. Leia histórias, notícias, cartas, poesias, enfim, todo tipo de texto que a criança puder compreender. Se ela ainda não lê a escrita convencional, seja você o leitor para que ela vá percebendo o *para quê* se lê, ou seja, quais as funções e usos da leitura.
- Faça passeios dentro e fora da escola e mostre a eles onde tem coisas escritas. Leia para que eles saibam que informações ali estão. Peça a eles que observem onde tem 'coisas escritas' no caminho de casa para a escola.
- Estimule seus alunos a registrar suas experiências através do desenho. Deixe que eles desenhem muito. Peça a eles que falem sobre o que desenharam – escreva o que eles contaram. Seja o escriba do seu aluno.
- Registre por escrito uma história de seu aluno e deixe que ele ilustre cada parte da história que ele contou e que você escreveu para ele. Depois você pode ler esse 'livrinho', agora ilustrado, para ele.
- Use indícios de experiências vividas para registrá-las. Por exemplo, se a classe foi passear, peça que as crianças levem alguma coisa que tenham gostado: um papel de sorvete para lembrar que tomou sorvete, uma pedrinha, uma folha de árvore etc... Cole tudo numa cartolina e 'exponha' o quadro em algum canto da classe. Em outra ocasião vocês podem 'ler' o passeio através dos indícios.
- Escreva para as crianças o que elas 'ditarem' para você escrever.
- Permita e estimule que elas escrevam como quiserem. Registrar experiências 'escrevendo' e escrever de acordo com a convenção são dois momentos diferentes. Ao invés de não permitir que a criança escreva porque não conhece a convenção, ou repudiar 'os erros' que ela comete na tentativa de escrever, tente compreender como ela está raciocinando, qual caminho ela está percorrendo, através das coisas que ela fala sobre suas escritas.
- Deixe a criança copiar o que você escreveu ou aquilo que está escrito na revista, no jornal, no livrinho de histórias, mesmo que ela ainda não tenha aprendido todas as 'famílias', que a cópia não esteja certa (igual à convenção) ou que demore muito.
- Conscientize a criança de que a escrita é uma forma de representar a vida. Tente conhecer essa criança, a sua vida e junto com ela busque interpretações do mundo (da criança e não só da escola) para serem registradas pela escrita.



## Referências bibliográficas

- COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Projeto Ipê, 1985.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, A. Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño. México, Siglo Veintiuno, 1979.
- GUERREIRO, Emília. *A representação da linguagem e o processo de alfabetização*. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. nº 52. Fev. 1985.
- WEISZ, T. *Repensando a prática de alfabetização – As idéias de Emília Ferreiro na sala de aula*. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. nº 52. Fev. 1985.